

Turismo cultural em Paulino Neves: narrativas locais como estratégia de divulgação

Fernanda Carvalho Brito¹
ORCID – 0000-0002-1952-722X
Patrício Câmara Araújo²
ORCID – 0000-0002-4252-1475
Gillyenne Nascimento Silva³
ORCID – 0000-0001-6146-8561

Recebido em 27/01/2022
Aprovado em 16/03/2022

Resumo

As narrativas locais comunicam o imaginário de uma comunidade e podem ser compartilhadas com outras pessoas através do turismo cultural. A presente pesquisa identificou, no âmbito literário da cultura popular, mitos, contos e lendas do município de Paulino Neves - MA. Desenvolvemos um estudo descritivo, analítico e aplicado, consolidado por meio de revisão bibliográfica e pesquisa narrativa voltada ao patrimônio histórico-cultural e imaterial de caráter oral do município de Paulino Neves – MA. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas junto aos moradores, destinadas ao registro textual das narrativas orais, o que pode contribuir para preservação da memória e da identidade cultural das comunidades do município. Na primeira etapa, desenvolvemos um estudo exploratório a partir de conversas informais com informantes locais, moradores do município que trazem em sua literatura conteúdos e conceitos similares a respeito do tema proposto, fazendo destas histórias algo que faz parte da cultura, da identidade pessoal, sendo compartilhadas em um processo geracional. Em seguida, partimos para a pesquisa de campo, com visitas *in loco* destinadas às observações e ao registro da cultura literária popular oral junto aos moradores.

Palavras-chave: Narrativas Oraís. Imaginário. Turismo. Cultura.

1 Doutor em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde (PGPDS) pela Universidade de Brasília (UnB), professor de Filosofia e de Metodologia da Investigação Científica do Instituto Federal do Maranhão – IFMA Campus Barreirinhas, Brasil. patriciofilosofia@ifma.edu.br.

2 Mestre em Turismo e Hotelaria pela Universidade do Vale do Itajaí - Univali, professor de Letras, de Português e de Língua Espanhola do Instituto Federal do Maranhão – IFMA Campus Barreirinhas, Brasil. fernanda.brito@ifma.edu.br.

3 Estudante de ensino médio do Instituto Federal do Maranhão–IFMA/Campus Barreirinhas, Brasil. gillyennenascimento@gmail.com

Cultural tourism in Paulino Neves: local narratives as a dissemination strategy

Abstract

Local narratives communicate the imagery of a community and can be shared, through cultural tourism, with other people. The present research identified, in the literary scope of popular culture, myths, tales and legends from the city of Paulino Neves - MA. We developed a descriptive, analytical and applied study, through bibliographical review and narrative research focused on the historical-cultural and immaterial heritage of an oral nature, in the city of Paulino Neves-MA, through semi-structured interviews with residents, for textual registration, of the oral narratives, which can contribute to preserving the memory and cultural identity of communities in the municipality. In the first stage, we developed an exploratory study based on informal conversations with local informants, with residents of the city, who bring in their literature similar content and concepts about the proposed theme, making these stories something that is part of culture, of personal identity, being shared in a generational process. Then, we left for field research, with on-site visits, making observations and recordings of oral popular literary culture with the residents.

Keywords: Oral Narratives. Imaginary. Tourism. Culture.

1. INTRODUÇÃO

A cultura é um processo dinâmico e complexo que articula os significados produzidos pelos indivíduos em suas interações sociais. Geertz (2008) a considera uma teia de relações semióticas, constituída de significados. Gastal (2008) destaca que a cultura, ao longo da história europeia, adquiriu um status de erudição por ser considerada um conhecimento humano acumulado no tempo e que, posteriormente, passou a envolver a noção de processo.

Cada comunidade desenvolve o seu sistema simbólico, cultural, a partir do qual organiza o seu modo de viver, com significados socialmente estabelecidos (GEERTZ, 2008). Essas coletividades constroem experiências coletivas em seus processos intersubjetivos, em contextos dialógicos e conflituosos, nos quais significados e valores são intercambiáveis nos entre-lugares, fronteira em que [...] O “passado-presente” torna-se parte da necessidade, e não da nostalgia, de viver.” (BHABHA, 1998, P. 27).

As narrativas locais de uma comunidade emergem do interstício desse passado-presente. Elas carregam a atualização do vivido no aqui e agora. São formas de compreensão do mundo, produtos e processos culturais eivados de significado cultural.

Os produtos culturais carregam processos culturais, históricos, institucionais ou mesmo estéticos. No turismo cultural, cabe destacar os processos que produzem e inoculam os objetos culturais. Nele, a viagem como deslocamento, passagem, transição pode ser relacionada à cultura, através da contextualização de seus produtos, com a identificação dos processos que os constituem (GASTAL, 2008).

[...] O livro escrito pelo leitor, mesmo que editado, só se transforma em processo cultural se tiver leitores. O mesmo com o teatro, com a pintura, com a fotografia. Uma obra de arte soterrada sob a terra por milênios, por alguma desgraça do destino, não deixa de ser arte. Mas não é, se longe do nosso olhar, um fato cultural, o que acontecerá quando ela puder ser vista e saboreada, gerar reflexão e até influenciar a produção de outras obras [...] (GASTAL, 2008, P. 110).

No contexto do turismo cultural, as narrativas são mais do que bens culturais que podem ser catalogados como patrimônio imaterial; elas são processos culturais vivos na oralidade de um povo; são sínteses vivas da cultura, da vida, das relações e do mundo simbólico de uma comunidade.

Na atividade turística cultural pode ser agregado o valor científico e educacional (SILVA, 2010) por possibilitar a abordagem de problemas humanos contemporâneos, como herança histórica, constituição identitária de uma comunidade e acesso a textos literários e filosóficos. São inúmeras as vantagens do turismo cultural. Assim como outras formas de turismo, ele promove a circulação de bens e serviços, além do fluxo constante de capital por estar direcionado ao lazer, serviço, cultura e ecologia (SILVA, 2010).

Melhorias da infraestrutura local, proteção do patrimônio natural e cultural e geração de emprego e renda são outras contribuições da atividade turística, incluindo a promoção do respeito à diversidade cultural através do contato intercultural (SILVA, 2010; KÖHLER; DURAND, 2007).

Um dos espaços de atividade turística que precisa ser melhorado no Brasil, do ponto de vista da infraestrutura, é a área litorânea. Yázigi (2015) destaca que as regiões do litoral são marcadas por uma “ambiguidade físico-material” (p. 125). Ademais, sobre esse contexto, o autor acrescenta os problemas da urbanização nas regiões litorâneas, como a ocupação desordenada e a destinação inadequada do esgoto. Nesse cenário, também destacamos as comunidades ribeirinhas, sobretudo porque um dos segmentos do mercado de turismo é o turismo cultural, que precisa oferecer uma infraestrutura adequada ao turista. Para promover a regeneração das áreas urbanas, uma das

estratégias é impulsionar a dinâmica cultural com o objetivo de atrair negócios e capital econômico (KÖHLER; DURAND, 2007).

Barreto (2000) considera que o 'Turismo Cultural' pode ser o "motor fundamental" para o desenvolvimento do "processo de identificação do cidadão com a sua história e sua cultura" (p. 43). No entanto, tudo isso dependerá da gestão, das ações que envolvam a comunidade na discussão dos recursos culturais de caráter imaterial. Segundo Pelegrini e Pérez (2009):

O Turismo Cultural pode ser um meio para atingir esses objetivos, já que pode ser entendido como uma experiência de intercâmbio cultural que permite aproximar-nos não apenas do conhecimento do passado, mas também da vida atual de outros grupos humanos. [...] O Turismo Cultural pode e deve estar ao serviço da conservação e valorização do patrimônio cultural, mas também pode acontecer o contrário, isto é, o patrimônio cultural pode surgir em função dos interesses mercantis, sendo explorado com esse objetivo. Aqui, os riscos são o abuso, os impactos negativos e a própria perda do patrimônio cultural. Neste sentido, as políticas deveriam ser orientadas numa perspectiva de equilíbrio entre o Turismo Cultural e o patrimônio cultural (p. 129).

Meneses (2004) relata que "o Turismo Cultural une a ideia de viajar e visitar um ato de conhecimento que proporcionado pelo encontro direto e pessoal com diversas expressões da cultura de um povo ou país" (p. 48). O autor supracitado demonstra que o Turismo Cultural "consiste em excursões frequentes a outras culturas e lugares para aprender acerca dos seus povos, estilos de vida, patrimônio e artes" (p. 48).

Em complemento, Azevedo (2002) afirma que:

[...] O Turismo Cultural desponta fortalecido como uma das vertentes mais significativas da dimensão cultural do desenvolvimento: pela riqueza de variantes que comporta; pelas interfaces que motiva; pelos desdobramentos que pode estimular; pelos efeitos possíveis na construção da cidadania; pela valorização da alteridade, isto é, a compreensão da existência de outros patrimônios e ações culturais que, assim como os nossos, merecem respeito. Também pelo retorno econômico que propicia e, sobretudo, pelo compromisso que assume com as gerações futuras (p. 33).

Reconhecemos que há uma mudança no perfil do visitante, que busca vários tipos de turismo, assim como o Turismo Cultural, ampliando, respeitando e alterando seus gostos com a adição de novos segmentos de destinos e valorização do patrimônio cultural do outro. Diante disso, as narrativas são um atrativo cultural para o turista, que tende a se interessar por diferentes mitos, lendas e contos das diversas culturas.

2. NARRATIVAS E TURISMO CULTURAL EM PAULINO NEVES

As narrativas estão presentes na vida das comunidades. O mundo ficcional, místico e fabuloso embrenha a realidade. Uma nova concepção de mundo, comandada pelos seres místicos inseridos pela imaginação do povo ancestral, como indígenas, africanos e europeus, surge através de mitos incorporados e remodelados em novos ambientes e tempos. Vigotski (1930/2014) a imaginação se apoia na experiência, depois é essa que se apoia na imaginação.

Os mitos da Mãe d'água e do Caboclo d'água são os mais conhecidos entre os ribeirinhos. Essas criaturas são tratadas como divindades amadas e temidas pelo povo. A Mãe d'água é venerada por meio de oferendas de flores e fumos deixados nas proas das embarcações para trazer bonanças de peixes e segurança aos pescadores, que devem retornar vivos às suas famílias, pois, para eles, o descumprimento das oferendas ocasionará risco às suas vidas e à pescaria.

As comunidades também contam com outras narrativas sobre esse ser das águas. Sobre isso, destacamos a orientação de não deixarem as suas crianças banharem sozinhas depois das cinco horas da tarde, porque a mãe d'água poderá levá-las para as profundezas dos rios e igarapés, ou, se alguém se depara com ela ou elas, devem permanecer nesse local até o raiar do dia. Todas essas histórias são passadas de geração a geração. Mesmo com o passar do tempo, com a modernização e introdução das tecnologias no mundo das crianças e adolescentes, os ribeirinhos jamais deixam de ter alguém da família que conte as histórias passadas por seus pais e avós, tornando-se uma lei, um respeito da ancestralidade.

Essas narrativas orais são compartilhadas entre a comunidade e mexem com a imaginação do povo. As pessoas das comunidades dão vida a esses seres místicos, que são personificações do imaginário de uma cultura.

Neste estudo, levamos em conta a preocupação com o legado das narrativas orais nos tempos modernos, em particular diante da perda do interesse das crianças, jovens e adultos em dar continuidade às crenças dos mais velhos, da falta de respeito, do desinteresse com as narrativas, do não ter tempo para ouvir os idosos. São indagações e preocupações reais, observadas pela própria comunidade ribeirinha. Contudo, quando se relata ao visitante dessas comunidades sobre esses seres encantados, oferecemos neste momento uma chance às narrativas orais, porque o homem jamais deixará de imaginar,

de sonhar. Portanto, é através dessas narrativas que as pessoas podem conhecer a cultura local.

No município de Paulino Neves, os moradores locais e os guias de turismo ou condutores de turismo têm a oportunidade de divulgar a crença local e, de certa forma, partilhar com os turistas - de forma menos impactante, mas cheia de mistério e encanto que rodeia a imagem sobre esses seres místicos – o imaginário dessa cultura. Como destacou Bakhtin (2001, p. 140), “qualquer memória do passado é um pouco estetizada, a memória do futuro é sempre moral”. Por isso, é possível a mistificação estética das imagens.

É possível usar como estratégia, para aguçar a imaginação do visitante, que o guia, condutor ou alguém da comunidade conta a esse turista que a mãe d’água aparece depois das 5:00 da tarde, evitando que esse visitante se afogue ou que viaje sozinho para as dunas por causa do fogo, o qual aparece em meio as dunas dos Lençóis Maranhenses. Todas essas histórias contadas têm uma dupla intenção: 1) divulgar as histórias da cultura local; e 2) adverti-los para a preservação e segurança da vida desses turistas ou dos próprios moradores, evitando que façam alguma imprudência.

Paulino Neves é um município brasileiro localizado na microrregião dos lençóis maranhenses, na mesorregião norte do Maranhão. O município abrange uma área de 979,17 km², com uma densidade demográfica de 15.56 hab/km² (CNM, 2018). Apresenta um Índice de Desenvolvimento Municipal Sustentável – IDMS baixo de 0.336. Ainda segundo esse índice, na dimensão econômica, o nível de renda é baixo, com 0.356; e na dimensão sociocultural é de 0.535, considerado um nível médio baixo. A relação entre essas dimensões é de proximidade. Logo, é possível identificarmos que, em Paulino Neves, o investimento na cultura causa um impacto direto na economia.

A cidade de Paulino Neves é beneficiada por um abundante patrimônio natural simbolizado pelas belezas dos Pequenos Lençóis Maranhenses e pelo Delta do Parnaíba. Apesar de ser ligada às cidades de Barreirinhas e Tutóia pela BR-315, Paulino Neves é uma cidade ainda pouco visitada pelos turistas. Entretanto, o município tem um patrimônio cultural imaterial muito forte, representado pelas manifestações folclóricas e histórias mitológicas de uma comunidade que ainda é desconhecida por muitos.

Nesse sentido, podemos dizer que as narrativas orais do mito, contos e lendas são costumes que devem ser preservados, pois fazem parte do conhecimento de um povo, um patrimônio cultural imaterial. Segundo Silva (2013):

Patrimônio cultural é tudo aquilo que possui significado social e que representa e/ou traduz identidades, abrange as peculiaridades e características pelas quais os indivíduos, pertencentes a distintas etnias se aproximam e/ou se diferenciam entre si e em relação aos outros. Inclui aspectos tão variados como a arquitetura, as lendas, as formas e os instrumentos de trabalho, o conhecimento científico, a música, a literatura, as vestimentas, os costumes, as comidas, as festas, a religião, as danças, entre outras e pode ser dividido em duas categorias: material e imaterial (p. 1).

O mito, a lenda e o conto são entendimentos adquiridos dos antepassados e são levados às futuras gerações, tornando-se histórias que entraram para a categoria de patrimônio imaterial, pois, normalmente, falam de seres sobrenaturais, não reais. Essas histórias podem ser inventadas ou não, mas ajudam a contar a história e estórias do local.

O mito solicita ser aceito como verdade e portador de sentido (CROATTO, 2001). Para Croatto (2001), na diferenciação entre mito, lenda e conto, os dois primeiros são apresentados pelos narradores com um sentido de verdade, ao contrário do conto, que é concebido como ficção. Na tabela a seguir são apresentadas as diferenças entre mito, lenda e conto.

Tabela – Diferenciação entre mito, lenda e conto

	Mito	Lenda	Conto
Tempo	remoto, <i>distante</i>	recente	qualquer
Lugar	primordial ou outro mundo	mundo atual	qualquer
Crença	fato, <i>pretensão de verdade</i>	fato, <i>pretensão de verdade</i>	ficção, <i>reconhecida pela comunidade</i>
Característica	Sagrado	sagrado ou secular	secular
Protagonista	Divino	humano	humano ou não
Função	instaura, <i>apresenta as origens</i>	ensina e cria modelos	diverte

Fonte: Adaptado de Croatto [itálicos nossos] (2001, p. 234).

O mito se reporta a um tempo distante e tem uma ‘áurea’ de sagrado, com a principal característica de apresentar a origem de algo. Em sentido diferente, a lenda tem caráter de atualidade, sobrevive no presente e tem a função cultural de compartilhar o ensino de uma comunidade. Entretanto, o conto traz a proposta de divertir, mesmo que

recepcionado como uma ficção. Com os indivíduos é possível identificar esses sentidos que caracterizam essas narrativas.

A partir da perspectiva das histórias como narrativas ficcionais, que tentam explicar os eventos naturais e os primórdios do mundo por meio de deuses e heróis, temos nos mitos, contos e lendas a sustentação na narrativa oral do nosso imaginário, tornando-se cada vez mais popular no decorrer dos séculos até os dias atuais. Para Fumagalli, Thomé e Porto (2014) a narrativa oral está relacionada aos processos de memorização e de improvisação no ato de contar a história; contudo, a narrativa escrita tem maior rigidez quanto à apresentação do conteúdo, por não apresentar as mudanças que acontecem nos processos orais de contação de histórias.

Pires, Batalha e Souza [itálico nosso] (2016) destacam que mito, conto e lenda:

O significado destes termos, destacamos que de acordo com a origem do termo grego *myto* que denota dizer, falar, contar tem o contexto histórico em que o mito emerge que é a Grécia antiga, período em que a mitologia, fazia parte do cotidiano da população, muito mais do que faz hoje (p. 43).

Essa riqueza literária, cheia de mistério sobre os mitos, contos e lendas também fazem parte da cultura de Paulino Neves. Conhecer e valorizar essas narrativas orais possibilitam à comunidade o respeito às suas origens, a divulgação da cultura para outras pessoas (turistas), como também implica na constituição identitária da população local.

Desse modo, estudar sobre mitos, contos e lendas da comunidade de Paulino Neve - MA é uma forma de resgatar a memória do povo, que deve ser guardada não somente na memória, mas em acervos bibliográficos para que outros possam ter acesso a esse patrimônio imaterial das narrativas orais. Além disso, essas narrativas que emergem da cultura local são carregadas de significados produzidos no processo histórico, os quais orientam as ações dos indivíduos desse lugar.

Nesta pesquisa buscamos investigar a cultura literária e o patrimônio cultural e imaterial da comunidade de Paulino Neves - MA, visando buscar mais conhecimento dos seus mitos, contos e lendas para que essas narrativas literárias constituam uma identidade cultural e favoreçam o desenvolvimento do turismo cultural no município. Para isso, catalogamos os mitos, contos e lendas, a partir das narrativas de indivíduos, casos típicos, que conhecem as tradições locais. Mostramos a cultura literária popular de Paulino Neves para que não se torne uma literatura esquecida/extinta devido à falta da preservação e conhecimento sobre a sua própria identidade cultural.

Este estudo tem o potencial de ajudar não somente ao conhecimento da história local, mas também de aproximar os moradores de hoje das histórias dos seus antepassados, de suas narrativas, de sua identidade, ou seja, de sua cultura. O resgate de significados pode reverberar dessas narrativas, as quais carregam consigo processos socioculturais e históricos de Paulino Neves.

As narrativas locais, dos povoados de Paulino Neves, emergem de um lugar cultural fronteiriço. Para Bhabha (2001),

O trabalho fronteiriço da cultura exige um encontro com o 'novo' que não seja parte do continuum de passado e presente. Ele cria uma ideia de novo como ato insurgente de tradução cultural. Essa arte não apenas retoma o passado como causa social e precedente estético; ela renova o passado, reconfigurando-o como um 'entre lugar' contingente, que inova e interrompe a atuação do presente. O 'passado-presente' torna-se parte da necessidade, e não da nostalgia, de viver (p. 27).

A narrativas provocam um encontro do passado com o presente e rompem a bolha do privado em direção ao público, à comunidade. É um compartilhar que articula os processos psíquicos com as interações sociais. Esse é o sentido do que Bhabha (2001) compreende por "intimidade intersticial" entre o passado e o presente (p. 35). São histórias e enredos locais - de caráter mítico, lendário e/ou em forma de conto – que se tornam enunciações constituídas por ambivalências e contradições dos indivíduos que contam sobre o que viram e ouviram.

3. METODOLOGIA

Como procedimento metodológico, utilizamos a técnica de entrevista semiestruturada. Essa escolha buscou a melhor forma de aprofundamento das informações construídas no processo da pesquisa nas comunidades. Realizamos uma abordagem qualitativa através do delineamento de uma pesquisa narrativa interdisciplinar, na fronteira entre os campos do turismo, da literatura e dos estudos culturais. O período de realização do estudo foi de (1) um ano, agosto de 2020 a julho de 2021. A pesquisa narrativa é viável quando buscamos colher histórias a partir do contexto do participante (GIL, 2021).

Segundo Clandinin e Connely (2000), a narrativa é uma forma de entender a experiência em um processo de colaboração entre o pesquisador e o pesquisado, tendo

como objetivo coletar estórias sobre determinado tema. Para Davies; Harré (1990) o processo da narrativa acontece através da colaboração de outras pessoas. Além disso, a narrativa enriquece os acontecimentos ao revisá-los, selecioná-los e organizá-los (Polkinghorne, 1988), o que foi possível identificar através da realização de entrevistas semiestruturadas.

Para Triviños (1987), a entrevista semiestruturada tem como característica questionamentos simples que são apoiados por teorias e hipóteses, e que se associam ao tema da pesquisa. Os questionamentos na pesquisa surgiram a partir das respostas dos entrevistados. O roteiro para as entrevistas semiestruturadas foi composto por oito perguntas, organizadas em três eixos, sendo eles: 1. Conhecimento e percepção das narrativas locais; 2. Divulgação das narrativas; 3. Preservação das narrativas. No roteiro foram utilizadas narrativas locais identificadas ao longo do processo das entrevistas semiestruturadas.

Para a entrevista semiestruturada foi selecionado um grupo de (10) dez pessoas da comunidade e localidades próximas, com horários e locais marcados pessoalmente, de acordo com a conveniência das participantes. Na ocasião foi entregue o termo de autorização para a publicação da entrevista.

A construção das informações foi desenvolvida em (4) etapas:

- 1) Seleção das localidades a serem visitadas conforme informações obtidas através de conversas informais com as pessoas do local e que conheciam essas narrativas.
- 2) Visitas para apresentação da pesquisa e identificação inicial sobre o campo no município de Paulino Neves – MA. Foram feitas viagens ao local escolhido para a pesquisa, sendo os principais Paulino Neves, Tingidor, Carrapato, Boca do Rio, São Francisco e Cardoso.
- 3) Elaboração do roteiro de entrevistas. A seleção das participantes para a entrevista semiestruturada ocorreu conforme o acordo e a conveniência de cada um. Participaram da pesquisa (5) mulheres entre 40 e 80 anos de idade, sendo (2) duas viúvas e (3) três que vivem em união estável, que trabalham como lavradoras. Na ocasião da entrevista foi entregue o termo de autorização para as participantes.

4) Levantamento de dados no campo de pesquisa através da realização de entrevistas com a comunidade. Realizamos (5) cinco entrevistas individuais. as participantes da pesquisa, entrevistadas (informantes), foram selecionadas a partir de (2) dois critérios: 1) serem moradores da região de Paulino Neves e 2) serem reconhecidos pela comunidade como conhecedores das narraivas locais. Os registros das narrativas foram identificados ao longo das entrevistas, pois ainda não havia nenhum registro sobre o tema das narrativas encontradas. Foi feita a organização dos registros para a catalogação das narrativas identificadas.

As narrativas foram classificadas em três tipos: a) narrativa mitológica, por se referir às histórias sobre a origem de algo para um povo; b) narrativa em forma de lendas, quando há relatos de outras pessoas que afirmam terem visto determinadas aparições e, além de ter uma finalidade educativa; e c) narrativa em forma de conto, que se diferencia da lenda por ter como principal objetivo promover a diversão e a imaginação da coletividade.

Sobre os relatos das entrevistadas, realizamos a análise narrativa. Nela, consideramos (3) três elementos: 1) a competência, capacidade, das entrevistadas e seus interesses para narrarem suas histórias (SHÜTZE, 2014); 2) como elas organizaram as suas experiências e a de outros ao relatá-las (RIESSMAN, 1993); e 3) quais os significados que atribuíram aos seus relatos (BRUNER, 1990).

4. RESULTADOS

A partir dos acervos literários recolhidos para compor esta pesquisa, concluímos que os mitos, contos e lendas da cidade de Paulino Neves possuem características de gêneros literários que fazem parte do discurso narrativo. Ademais, há elementos que identificam a cultura como valorização da religiosidade, expressada diretamente nas lendas.

Foi encontrada uma narrativa em forma de mito: “A formação do Rio”, narrada pela moradora da cidade de Paulino Neves, Maria (nome fictício), de 68 anos, ex-lavradora e aposentada. Sua relação com a cidade é de grande afeto, pois ela viu o município crescer. Hoje, Maria não se considera apenas uma moradora de Paulino Neves, e sim

uma contadora de histórias da sua própria comunidade. Ela traduz a voz histórico-cultural do local.

Outra narrativa foi identificada, desta vez em forma de conto: “Pedra do Coração”, narrada pela moradora do povoado Carrapato, Dalila (nome fictício), de 55 anos, lavradora. A sua relação com o povoado é de grande apreço, pois, como ela própria relatou, todos são muito unidos, até mesmo por se tratar de uma pequena comunidade. Por fim, uma narrativa em forma de lenda, intitulada “Cabeça de Fogo”, foi narrada pela moradora do povoado Boca do Rio, de 82 anos, que foi lavradora e está aposentada. Rilda, nome fictício, é uma das moradoras mais idosas do povoado e destacou que ama a sua comunidade e que pretende lá sempre viver, pois é muito mais calmo e tranquilo do que a cidade grande.

Figura 1 - Beira do rio no povoado Boca do Rio, em Paulino Neves – MA



Fonte: Conceição – 2021.

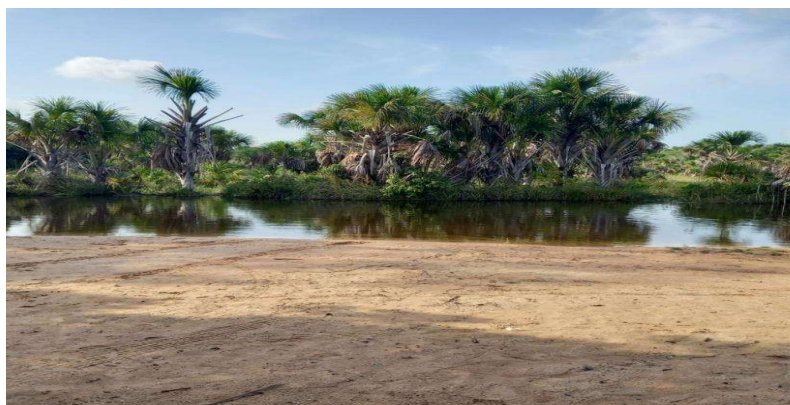
Outra narrativa em forma de lenda também foi encontrada: “O Sítio”, narrada pela moradora do povoado Cardoso, Helena (nome fictício), de 50 anos, lavradora. Helena revelou que essas lendas fizeram parte de sua infância e que até hoje estão refletidas nas

lembranças deixadas pelos pais que já faleceram, ou seja, são histórias que fazem parte das memórias compartilhadas pelos seus entes queridos.

Uma narrativa em forma de conto, intitulada “O Cavalo Assombrado”, foi narrada pela moradora Rilda, de 45 anos, do povoado São Francisco. Sua relação com a comunidade e com a história do povoado está muito próxima da pessoa que ela é hoje. Por esse motivo, ela sente prazer em contar e dizer para as pessoas repassarem as histórias do seu povoado.

Dalila, uma das participantes, abordou sobre uma lenda que trata da origem do nome do povoado Carrapato. A localidade recebeu esse nome por ter mamonas com sementes semelhantes ao carrapato. O nome da lenda contada é “a pedra do coração”. A narrativa é sobre uma pedra encantada que levava para o fundo do rio quem tivesse contato com ela. As pedras também mudavam de lugar (ver Fotografia 2).

Fotografia 2 - Beira do rio no Povoado Carrapato em Paulino Neves - MA



Fonte: Autores.

As lendas de Paulino Neves, a exemplo da narrativa sobre “a pedra do coração”, discorrem sobre diversos temas, porém recebe destaque temáticas como o rio e o campo, ou seja, belezas naturais. Contudo, devemos observar que ao comparar o conceito de lenda com o de mito, os dois se confundem, causando até uma certa confusão ao leitor em relação às definições de ambos. Esses fatos relatados são tomados como verdade a

depende do que está sendo narrado. Vale ressaltar que nos temas das narrativas foram usados nomes fictícios, de modo a preservar o anonimato das participantes.

O tema constante nas narrativas literárias da região de Paulino Neves são os rios. A seguir exemplificamos um desses mitos, intitulado: “Formação do Rio”, narrada por Maria, moradora da região (ver Fotografia 3). Segundo Maria, o rio de Paulino Neves, hoje, tem essa largura extensa, mas, no começo de tudo, era apenas uma vereda que se formou em um riacho e que se chamava rio da fome. Independente disso, Maria destacou que eram os índios quem andavam com as suas docas sobre o riacho, formando o que o rio é hoje.

Ela também apresentou uma narrativa mítica: “Outra coisa, depois de tudo isso, veio a outra estória da fundação da cidade, a qual diz que o rio foi criado pelas senhoras das águas, popularmente chamadas de “mães da água”. Os mais antigos contavam que elas sorriam para os moradores”. Os moradores sentiam-se assombrados. Eles evitavam passar pelo rio, principalmente ao entardecer. Segundo os moradores, esse horário era adequado para o aparecimento de tais assombrações, que eram de arrepiar.

Fotografia 3 - Beira do rio em Paulino Neves – MA



Fonte: Autores.

A narrativa de Maria apresenta uma ambivalência de origens, em particular com o rio originando-se do riacho e a outra de que ele foi criado pelas “mães da água”. A segunda narrativa apresenta um caráter mitológico, pois se refere a algo sobrenatural de um tempo distante. A partir desse relato místico acima foram destacadas as seguintes características: os fatos que estão ligados ao dia a dia dos moradores, neste caso, possuem deslocamento feito entre o rio. Além desses mitos, existem vários outros que tratam dos mesmos temas. Muitas das narrações foram se modificando ao longo do tempo, tentando explicar o que é inexplicável.

Quanto à pesquisa que foi realizada, foram identificadas (1) uma narrativa em forma de mito; (2) duas em forma de lenda; e (2) duas em forma de conto. No tópico a seguir apresentaremos as comunidades e as narrativas de quatro moradoras, Helena, Maria, Antônia e Rilda. As narrativas foram transcritas de forma literal.

4.1 Comunidade Cardoso: a lenda do Sítio Mal-Assombrado

“Quando meu pai era vivo, ele contava que o nosso sítio era assombrado e que quando minha bisavó deixou o terreno para ele, avisou sobre os acontecimentos que aconteciam lá. Toda vez que o meu pai visitava esse terreno acontecia algo estranho. Depois de algum tempo minha tia foi para esse terreno, que virou um sítio. Nesse tempo só tinha uma casinha de palha e ela teve que dormir pra vir no dia seguinte. Quando ela foi dormir na sua rede, ouviu um barulho muito forte de galope de cavalo. Com medo, ela ficou quietinha, pois estava sozinha e ninguém sabia que ela dormiria no local. Ela, então, ficou vendo da casinha se era alguém e quando avistou de longe, observou um homem descendo do cavalo, despejando sacos de prata debaixo das mangueiras. Ela esperou e, no dia seguinte, foi observar o local onde o homem estava com o cavalo, mas não havia nem rastro de cavalo e nem de nenhuma prata” (Helena).

“Outra história que vou contar é que, naquele tempo, a gente acordava de madrugada para vir à cidade e não tinha luz. Então, ficávamos no escuro. Eu lembro que eu tinha seis anos de idade e o único carro que fazia linha para Barreirinhas não descia até lá em casa, porque minha residência era a mais afastada das outras casas. Então estava marcada para ir com a minha família. Um dia antes da gente viajar, meu pai tinha

feito a queima da roça e lá tinha um tronco de uma árvore que era muito grande. Ninguém tinha força de levantar. Até mesmo meu pai falou que iria deixar o tronco na roça, pois não tinha forças para suportar o peso. É importante lembrar que a roça ficava perto de casa e ele queria o tronco para fazer banquinhos. Na madrugada que iríamos viajar, meu pai convidou a gente para fazer uma roda, pois todos nós tínhamos medo do escuro. Quando a gente sentou no chão da roda, sentimos um impacto muito grande na terra, como se alguém tivesse jogado algo pesado sobre o chão. Então meu pai falou: meus filhos, vocês estão vendo? Isso é o inimigo tentando atrapalhar a nossa vida. Meu pai se levantou e saiu para fora, até porque ninguém tinha coragem de botar os pés fora de casa. Meu pai saiu para ver o que era e o tronco que ficava na roça estava enfiado bem na porta de casa. Meu pai começou a procurar pegadas e não achou nada. Até hoje ninguém sabe como aquilo foi parar no nosso sítio”. (Helena).

4.2 Comunidade Boca do Rio: a lenda da mãe d’água

“O conto que eu sei é que, naquele tempo, muito tempo atrás, existia muita mãe d’água. O povo falava que olhava elas quando iam pescar, ao entardecer da noite. Uma outra coisa que não dá pra explicar é o fogo que aparecia no rio, que fazia todos ficarem espantados com aquele acontecimento. Onde já se viu fogo em cima de água, não é mesmo? Então, todos evitavam de ir ao rio quando ficava de noite”. (Maria).

4.3 Comunidade Boca do Rio: a lenda do cabeça de fogo

“Há muito tempo, eu e minha irmã fomos pescar no “garapé” do rio. Isso foi já pela noite, que é quando é bom pra pegar peixe. Chegando no local onde paramos para jogar nosso “gue”, avistamos uma luz muito forte vindo em nossa direção. Ficamos logo assustadas, pois nunca tínhamos visto tal coisa. Quando essa luz chegou perto, a gente viu que era uma grande cabeça pegando fogo. Ficamos sem saber o que fazer, então pegamos nossa lamparina e botamos bem na frente da coisa. Abaixamos nossa cabeça e quando levantamos ele tinha desaparecido”. (Antônia, ver Figura 1).

A participante Antônia apresentou uma experiência que viveu. Sua narrativa deixa de ter um significado apenas de uma tradição oral herdada, mas está carregada de

pretensão de verdade por ter sido algo que ela viveu. Logo, o reforço dessa pretensão é a presença de outra pessoa na situação, que é a sua irmã. A pretensão de verdade é um dos elementos que diferencia o mito e a lenda da narrativa do conto.

4.4 Comunidade São Francisco: o cavalo assombrado

“Naquele tempo, quando o povo vinha para cá pela noite, essas estradas eram tudo assombradas. Uma pessoa chegou a me falar que ouvia gritos de pessoas no mato e a gente já fica assustado, né? Então teve um caso de um homem que veio para cá de moto e avistou no caminho um cavalo no meio da estrada olhando para ele. É claro que ele ficou assustado. Quando passou por esse cavalo e olhou diretamente para o animal, ele perdeu o controle da moto e caiu. Ao olhar para atrás para ver se o cavalo continuava lá, ele tinha sumido, mas graças a Deus ele ficou bem para poder contar a história”. (Rilda).

Rilda se refere a um tempo próximo indicado pela expressão “naquele tempo”. A narrativa tem uma testemunha que contou a história, não apresentando origem ou diversão em seu relato. Isso caracteriza a narrativa de uma lenda. Nas narrativas da lenda do “Sítio em Cardoso” e do “Cabeça de Fogo”, as participantes assumem um posicionamento de testemunhas vivas. Elas reforçam a pretensão de verdade das narrativas em lenda, pois relatam que viveram essas experiências cujo caráter é de sobrenaturalidade. Tais experiências são organizadas no processo da diegese, enredo ficcional.

A pesquisa teve o intuito de se aprofundar nessas narrativas e de contatar as pessoas das comunidades pesquisadas, o que favorece os conhecimentos sobre mitos, contos e lendas. Esses conhecimentos revelaram um pouco do nosso imaginário popular e da importância de preservar as narrativas literárias que fazem parte do folclore místico, com personagens que são essenciais da cultura da população, entre eles: os cavalos, as mães d'águas, o cabeça de fogo, os índios, os homens com sacos de patatas. São muitas outras histórias que acabaram se tornando um marco nas narrativas literárias.

Além disso, podemos concluir que a divulgação e preservação desse acervo literário e cultural de cada uma das comunidades amplia o acesso aos visitantes de várias

regiões do estado, do Brasil e, até mesmo, do resto do mundo. Nossa literatura faz parte da cultura popular das comunidades e pode servir como atração para os turistas.

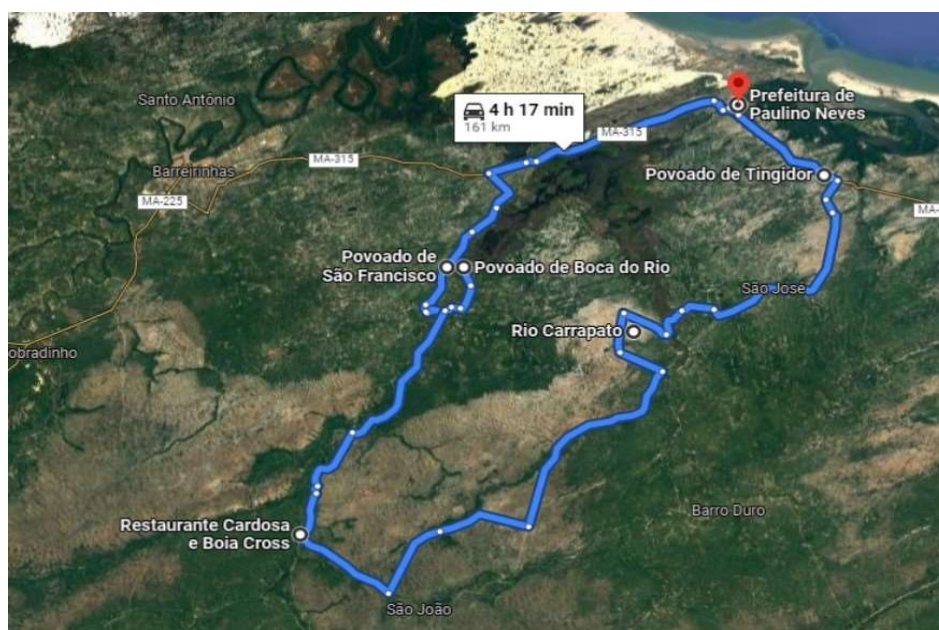
A seguir, apresentaremos os relatos encontrados nas entrevistas semiestruturadas. Para isso, utilizaremos uma tabela com os temas das narrativas encontradas e seus significados, os quais norteiam os trechos das falas das participantes que emergiram da análise das informações.

Tabela 1 - Comunidades e narrativas

Temas	Categorias	Comunidades	Narrativas	Significados
Narrativas Locais	Lenda	Povoado Carrapato. Povoado São Francisco.	1. A pedra do coração (lenda). 2. O cavalo assombrado (lenda)	Apresentar histórias místicas do local
Narrativas Literárias	Lenda	Povoado Cardosa. Povoado Boca do Rio.	1. O Sítio. 2. A mãe d'água	Fazer parte de um discurso narrativo sobre elementos sobrenaturais do local.
Narrativas ficcionais	Mito	Paulino Neves.	3. A formação do Rio	Tentar explicar a origem do rio, que provoca o imaginário para produzir narrativas.

Fonte: Autores.

Figura 4 - Mapa das comunidades visitadas



Fonte: Google Maps (18 de novembro de 2021).

Em Paulino Neves foram encontradas narrativas em forma de mitos, lenda e contos nos povoados de Carrapato (narrativas em forma de conto), Cardosa (narrativas em forma de mito, conto e lenda), Boca do Rio (narrativas em forma de lenda e conto) e São Francisco (narrativas em forma de mito e lenda).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os mitos, contos e lendas são patrimônio cultural e imaterial da comunidade de Paulino Neves. Por possuir ligações com os interiores, essa cidade faz com que as tradições orais virem um canal de saberes que transmite a cultura e os costumes locais, sobretudo através das narrativas orais dos seus antepassados. A divulgação oral do mito, do conto e da lenda possibilita a aproximação do público mais jovem. O contato com a cultura folclórica da sua própria região amplia o conhecimento sobre as narrativas locais e, através disso, divulga para os turistas os saberes tradicionais.

No entanto, há (5) cinco pontos que devemos ressaltar a respeito da identidade cultural da comunidade de Paulino Neves. O primeiro faz referência às muitas narrativas orais que vêm sendo esquecidas pelos mais jovens. Para que sejam preservadas, sugerimos como solução que as escolas usem as narrativas literárias da sua própria comunidade como forma de aprendizado para as crianças e adolescentes. Essas narrativas traduzem valores, crenças e significados do seu próprio contexto sociocultural. O segundo é a ausência significativa de incentivo dos órgãos públicos do município, como a secretária de cultura e turismo. Essas instituições públicas poderiam investir mais na divulgação das narrativas orais como patrimônio cultural e imaterial.

O terceiro é que, a partir desta pesquisa sobre essas narrativas, esse cenário pode mudar. Os descendentes das famílias do município de Paulino Neves têm o dever de contribuir para o crescimento da identidade cultural da cidade através da divulgação das narrativas locais, pois assim poderão ajudar no desenvolvimento da literatura oral da comunidade.

Sobre o quarto ponto, destacamos que por serem patrimônio cultural e imaterial da comunidade de Paulino Neves, os mitos, contos e lendas, enquanto tradições orais, se constituem enquanto elementos de comunicação da cultura, do imaginário e dos costumes locais. Além disso, como quinto ponto, reconhecemos que a divulgação oral do mito, do conto e da lenda possibilita a aproximação do público mais jovem para o turismo local.

O contato com a cultura folclórica da sua própria região permite o conhecimento das narrativas locais e, através disso, a divulgação para os turistas dos saberes

tradicionais; o que pode ser feito com a tradução dessas narrativas orais para a linguagem do teatro, com encenações públicas nos pontos de roteiro turístico, e com a exposição de artes relacionadas às narrativas, como: quadros, pequenos livros e objetos de artesanato com imagens relacionadas às narrativas. Isso pode ser usado para cativar o interesse dos turistas pelo local.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, J. Cultura, patrimônio e turismo. *In*: IRVING, M. A.; AZEVEDO, J. (org.). **Turismo**: o desafio da sustentabilidade. São Paulo: Futura, 2002. p. 123-147.

BAKHTIN, M. M. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

BARRETO, M. **Turismo e legado cultural**: as possibilidades do planejamento. Campinas, SP: Papyrus, 2000.

BHABHA, H. K. **O local da cultura**. Belo Horizonte, MG: UFMG, 1998.

BRUNER, J. **Actos de significado**: más allá de la revolución cognitiva. Madri: Alianza Editorial, 1991.

CLANDININ, D. J.; Connelly, F. M. **Narrative inquiry**: experience and story in qualitative research. [S. l.]: Jossey-Bass, 2000.

CROATTO, J. S. **As linguagens da experiência religiosa**: uma introdução à fenomenologia da religião. São Paulo: Paulinas, 2001.

DAVIES, B.; HARRÉ, R. Positioning: The Discursive Production of Selves. **Journal for the Theory of Behaviour**, v. 20, n. 1, p. 43-73, 1990. DOI: <https://doi.org/10.1111/j.1468-5914.1990.tb00174.x>.

FUMAGALLI, R. de C. V.; THOMÉ, C. M.; PORTO, L. T. Narrativa oral e escrita: encontros e contrapontos sobre o mito “a origem dos povos indígenas” na perspectiva de índios e brancos. **Muitas Vozes**, v. 3, n. 1, p. 153-169, 2014.

GASTAL, S. Turismo e cultura: Por uma relação sem diletantismo. *In*: GASDTAL, S. (org.). **Turismo**: 9 propostas para um saber-fazer. Porto Alegre, RS: EDIPUCRS, 2008. p. 107-118.

GEERTZ, C. **A interpretação da cultura**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos – LTC, 2008.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2021.

- MENESES, J. **História e turismo cultural**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2004.
- PELEGRINI, S. de C. A.; PÉREZ, X. P. Turismo Cultural: uma visão antropológica. **PASOS. Revista de Turismo y Patrimonio Cultural**, n. 2, 2009, p. 3-309.
- PIRES, A. de S.; BATALHA, C. A.; SOUZA, J. B. de. A arte de contar histórias a partir dos mitos e lendas da Comunidade Toledo. **RELEM - Revista Eletrônica Mutações**, v. 7, n. 13, p. 41-57, 2016.
- POLKINGHORNE, D. E. **Narrative knowing and the Human Sciences**. New York: State University of New York Press, 1988.
- RIESSMAN, C. K. **Narrative analysis**. Califórnia: SAGE Publications, 1993.
- SHÜTZE, F. Análise sociológica e linguística das narrativas. **Civitas**, Porto Alegre, v. 14, n. 2, p. e11-e52, mai./ago. 2014.
- SILVA, F. F. da. Turismo internacional e proteção do patrimônio cultural e natural da humanidade. In: PHILIPPI JÚNIOR, A.; RUSCHMANN, D. van de M. (org.). **Gestão Ambiental e sustentabilidade no turismo**. Barueri, SP: Manoele, 2010. p. 83-95.
- SILVA, P. S. da. **O registro do patrimônio cultural imaterial e o inventário de bens culturais: As práticas do IPHAN e do IEPHA/MG**. Simpósio Nacional de História, Natal – RN, 2013. Disponível em: <http://www.snh2013.anpuh.org/>. Acesso em: 20 dez. 2021.
- TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. Atlas, 1987.
- VIGOTSKI, L. S. **Imaginação e criatividade na infância**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014.
- YÁZIGI, E. O litoral como patrimônio material e cultural. In: FUNARI, P. P.; PINSKY, J. (org.). **Turismo e patrimônio cultural**. São Paulo: Contexto, 2015. p. 123-130.